

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS (BACHARELADO)**

**PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS EM RITUAIS DE RELIGIÕES DE MATRIZ
AFRO-BRASILEIRA: ESTUDO DE CASO UMBANDA**

MARIA EDUARDA ALVES FERREIRA

**CRICIÚMA
2017**

MARIA EDUARDA ALVES FERREIRA

**PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS EM RITUAIS DE RELIGIÕES DE MATRIZ
AFRO-BRASILEIRA: ESTUDO DE CASO UMBANDA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Ciências Biológicas da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Biológicas.

Orientadora: Profª Drª Vanilde Citadini-Zanette

**CRICIÚMA
2017**

MARIA EDUARDA ALVES FERREIRA

**PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS EM RITUAIS DE RELIGIÕES MATRIZ
AFRO-BRASILEIRA: ESTUDO DE CASO UMBANDA**

Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Ciências Biológicas da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, 07 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Vanilde Citadini-Zanette - Doutora - (UNESC) - Orientadora

Prof^a Angela Erna Rossato - Mestre - (UNESC)

Prof^a Márcia Cristina Américo - Doutora - (UNESC)

Dedico este trabalho aos meus pais,
amores da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, por toda a paciência com a minha falta de paciência; pelos jantares deliciosos que me esperaram todas as noites depois de um dia longo e estressante; por todo o incentivo, boa educação e por me apoiarem sempre. A vocês deixo todo o meu amor e gratidão.

Aos meus avós, por todo carinho e apoio, que sempre se preocuparam comigo, amo vocês meus velhos!

A minha professora orientadora Vanilde Citadini-Zanette, por toda solicitude e paciência, sem ela este estudo não teria se tornado realidade. Obrigada por todo conhecimento compartilhado, por não ter desistido de mim, por todas as críticas... É um baita privilégio trabalhar com a senhora!

Aos meus colegas do Curso de Ciências Biológicas, em especial às minhas amigas Elaine, Fernanda e Mikaela, muito obrigada por todas as risadas e parceria que se estendeu além da sala de aula. Vocês foram extremamente importantes para que eu chegasse até aqui.

Aos meus colegas do Herbário Pe. Dr. Raulino Reitz da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) pela companhia, brincadeiras e por todo o auxílio prestado, em especial à Patrícia, que oportunizou a elaboração deste estudo, meu muito obrigada!!!!

Por fim, agradeço a todos que não foram citados, mas que de alguma forma contribuíram para este trabalho.

“Pai nosso, Criador que estás nas flores, no canto dos pássaros, nos átomos, no coração a pulsar; que estás na compaixão, na caridade, na paciência e no gesto de perdão. Pai nosso, que estás em mim, que estás em todas as dimensões, em todos os seres em evolução no universo, que estás naquele que eu amo, naquele que me fere, naquele que busca a verdade. Santificado seja o Teu nome por tudo o que é belo, bom, justo e gracioso. O Teu reino de paz e justiça, fé e caridade, luz e amor está em mim. A Tua vontade, ainda que minhas rogativas prezam mais o meu orgulho do que as minhas reais necessidades, está em mim. Minhas ofensas, os meus erros, as minhas faltas e até a frieza de meu coração; são dissolvidos pelo seu amor. E assim eu perdoo àqueles que me ofendem, mesmo quando meu coração esteja ferido. Enfrentarei as tentações e se eu errar, tudo não passará de uma lição. E livra-me de todo o mal, de toda violência, de todo o infortúnio, de toda a enfermidade. Estou livre de toda a dor, de toda mágoa e de toda desilusão, porque nós estamos em Ti.”

Autor Desconhecido

RESUMO

A utilização de plantas para fins medicinais é tão antiga quanto o próprio homem. No Brasil o uso de plantas medicinais e em rituais nasceu da miscigenação entre os indígenas, africanos e europeus. A Umbanda surgiu no Brasil como uma religião única, com influência africana, cristã, espírita e indígena. A utilização dos vegetais nos rituais de Umbanda é bastante diversificada e complexa, ligada diretamente ao conjunto de divindades cultuadas na região, portanto as espécies utilizadas variam muito entre os terreiros. O presente estudo pretendeu registrar as plantas medicinais utilizadas em rituais afro-brasileiros em um Centro Umbandista no município de Cocal do Sul, Santa Catarina, Brasil. O levantamento botânico foi feito através de entrevistas com o umbandista de maior conhecimento sobre plantas medicinais em rituais. Um espécime de cada espécie indicada foi coletado, identificado, exsiccado e incorporado ao Herbário Pe. Dr. Raulino Reitz. Os dados obtidos na entrevista foram comparados com estudos etnobotânicos publicados nos últimos cinco anos disponíveis em bases de dados. Foram apresentadas pelo entrevistado seis espécies vegetais para fins terapêuticos e, destas seis, quatro são aplicadas em seus rituais. Apesar de serem encontrados vários estudos etnobotânicos que respaldam a utilização das espécies no Centro Umbandista, ficou clara a necessidade de maior investigação quanto às patologias indicadas e não encontradas na literatura.

Palavras-chave: Umbanda. Etnobotânica. Fitoterapia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 OBJETIVOS	12
1.1.1 Objetivo geral.....	12
1.1.2 Objetivos específicos.....	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 PLANTAS MEDICINAIS.....	14
2.2 OS VEGETAIS E OS RITUAIS MÍSTICOS NO BRASIL	15
2.3 UMBANDA	16
3 METODOLOGIA	19
3.1 ÁREA E LOCAL DE ESTUDO	19
3.2 LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO E AMOSTRAGEM.....	20
3.3 COLETA DO MATERIAL BOTÂNICO	20
3.4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	21
4 RESULTADOS	22
4.1 PERFIL DO ENTREVISTADO.....	22
4.2 PLANTAS MEDICINAIS E UTILIZADAS NOS RITUAIS.....	22
4.3 DESCRIÇÃO BOTÂNICA E AGROECOLÓGICA	25
4.3.1 <i>Lavandula dentata</i> L. (CRI 12746)	25
4.3.2 <i>Mentha rotundifolia</i> L. (CRI 12738)	26
4.3.3 <i>Rosmarinus officinalis</i> L. (CRI 12745)	26
4.3.4 <i>Petiveria alliacea</i> L. (CRI 12737).....	27
4.3.5 <i>Rosa</i> sp. (CRI 12736)	28
4.3.6 <i>Ruta graveolens</i> L. (CRI 12739)	29
5 DISCUSSÃO	30
5.1 <i>Lavandula dentata</i> L.	30
5.2 <i>Mentha rotundifolia</i> L.	30
5.3 <i>Rosmarinus officinalis</i> L.	31
5.4 <i>Petiveria alliacea</i> L.	31
5.5 <i>Rosa</i> sp.	32
5.6 <i>Ruta graveolens</i> L.	32
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35

APÊNDICE	42
APÊNDICE A – FORMULÁRIO APLICADO PARA LEVANTAMENTO DE PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS EM RITUAIS AFRO-BRASILEIROS.....	43
ANEXO.....	44
ANEXO A - TCLE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	45

1 INTRODUÇÃO

A utilização de plantas como medicamentos é um fato milenar e possivelmente tão antigo quanto o próprio homem (JORGE, 2003). Dependendo basicamente da natureza para a sobrevivência, o homem primitivo aprendeu através de tentativas e observações, que algumas espécies agiam de maneira peculiar sobre o funcionamento do seu organismo (ALMEIDA, 2016). A partir dessa constatação, a utilização de plantas com propriedades terapêuticas disseminou-se e se organizou nas mais distintas sociedades, adquirindo particularidades advindas do conhecimento ancestral de cada cultura sobre o poder curativo dos vegetais, além da sua aplicação em cerimônias religiosas (GOMES et al., 2008; CAMARGO, 2014).

No Brasil, a utilização de plantas medicinais e em rituais é resultado de uma miscigenação entre os indígenas locais, as tradições africanas oriundas do tráfico escravo e a cultura europeia trazida pelos colonizadores (CAMARGO, 1976; SANTOS FILHO, 1991). Além da contribuição cultural, algumas espécies vegetais foram trazidas com os africanos, assim como certas plantas nativas do Brasil foram incorporadas na sua cultura, ampliando o elenco de espécies que colaboraram para a formação do conhecimento empírico fitoterápico (ALBUQUERQUE, 2006; ALMEIDA, 2016).

Muitos dos povos escravizados trazidos da África para o Brasil eram feiticeiros e curadores que, através de rituais específicos, invocavam auxílio de forças superiores para o aconselhamento sobre problemas de saúde física, mental ou espiritual (SANTOS FILHO, 1991). Esta prática de caráter sobrenatural e mágico ainda se encontra presente nos cultos religiosos de influência africana como a Umbanda (ALBUQUERQUE, 2006).

A Umbanda surgiu no Brasil por volta de 1908 como uma forma religiosa intermediária entre os cultos populares já existentes. Sua raiz mescla práticas ritualísticas de tradições africanas, espíritas, cristãs e indígenas, tendo como base a caridade e a utilização de elementos da natureza, que são personificados nos Orixás (SILVA, 1994, OMOLUBÁ, 2014; FAGUNDES, 2015).

A utilização dos vegetais nos rituais de Umbanda é bastante diversificada e complexa, ligada diretamente ao conjunto de divindades cultuadas na região, ampliando ou diminuindo as espécies de um terreiro para o outro ou, em alguns casos, se excluindo (ALBUQUERQUE, 2006). As plantas são empregadas em beberagens ritualísticas, defumações e preparados especiais com fins específicos (ARAÚJO, 1973).

O uso empírico de plantas medicinais constitui um sistema de saúde intrincado, não oficial, em que participam centros religiosos e a comunidade em geral. Por muito tempo esse sistema foi criticado pela sociedade, inclusive tornando-se alvo de perseguição policial (ALMEIDA, 2016). No Brasil antigo, a imagem do negro era associada à criminalidade e à indolência e, conseqüentemente, tudo o que estava ligado a ele – cultura, língua, religião – era visto como negativo e passível de ser combatido. No entanto, mesmo com todas as limitações sofridas, a comunidade afrodescendente tentou a todo custo conservar seus valores e tradições culturais (COSTA, 2006).

O preconceito com rituais de religiões de matriz africana não é algo do Brasil antigo, pois muitos participantes dessas religiões ainda sofrem racismo. Basta uma vestimenta tradicional, algum símbolo ou adereço característico para sofrerem ataques de algumas pessoas por meio da fala ou de gestos. Uma das prováveis causas dessa discriminação está relacionada ao preconceito racial que atinge todas as esferas da cultura afro-brasileira (SALES, 2017).

Portanto, o resgate desse conhecimento não contribui apenas para a difusão terapêutica dos vegetais, mas releva a esperança de minimizar a imagem negativa que a cultura africana possui dentro da sociedade, pois o preconceito é o resultado do desconhecimento das pessoas, quando se agarram somente ao seu ponto de vista, desprezando a opinião do outro.

Pelo exposto, o presente estudo pretende fornecer informações para melhor entendimento e interpretação da função das plantas em rituais afro-brasileiros, considerando os aspectos etnobotânicos, taxonômicos e fitoterápicos.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

- ✓ Registrar as plantas medicinais utilizadas nos rituais afro-brasileiros em um Centro Umbandista no município de Cocal do Sul, Santa Catarina, Brasil.

1.1.2 Objetivos específicos

- ✓ Obter informações sobre as plantas utilizadas nos rituais de Umbanda sobre a forma de uso e indicação terapêutica;

- ✓ Descrever aspectos botânicos, formas de cultivo e manejo das plantas utilizadas nos rituais disponíveis em pesquisa bibliográfica realizada em base de dados digitais;
- ✓ Correlacionar o conhecimento popular terapêutico transmitido nos rituais de Umbanda com o uso popular das plantas em estudos etnobotânicos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PLANTAS MEDICINAIS

A utilização de plantas medicinais, tanto na medicina caseira como na farmacopeia, possui raízes muito antigas, associadas ao início da medicina e embasadas na informação transmitida através de gerações. No decorrer dos séculos, o conhecimento sobre o potencial curativo das plantas constituiu a base para a terapia de diferentes doenças (CORRÊA; BATISTA; QUINTAS, 1998).

Acredita-se que o primeiro registro de uso terapêutico das plantas foi escrito pelo herborista chinês Shen Nung, com sua obra intitulada de Pen Ts'ao, de 2800 a.C., onde descreve centenas de plantas utilizadas no tratamento de diversas moléstias (ALMEIDA, 2016). Sabe-se também que os egípcios, assírios e hebreus, em suas diversas expedições, traziam espécies vegetais, que, juntamente com as já cultivadas, eram empregadas na fabricação de purgantes, vermífugos, diuréticos, cosméticos, além de líquidos e gomas utilizadas no embalsamento de múmias (MARTINS et al., 2000).

No início do século XVI, o físico suíço Paracelso impulsionou a arte de curar lançando as bases da medicina natural e tornou-se um dos principais responsáveis pelo avanço da terapêutica (MARTINS et al., 2000). Paracelso passou a extrair as substâncias responsáveis pela atividade farmacológica das plantas e, assim, obteve a resposta para o poder curativo característico de cada espécie. A essa substância o físico denominou de “Quinta Essentia”, e provavelmente foi a primeira noção de princípio bioativo (ALMEIDA, 2016).

O uso de plantas com fins terapêuticos tem evoluído ao longo do tempo, desde os métodos mais simples de preparação, até a fabricação industrial utilizada pelo homem moderno. Embora haja diferença na maneira de uso dos dois métodos, há algo que ocorre em ambos: as plantas possuem capacidade de provocar reações benéficas no organismo humano, sejam administradas em forma de chás ou garrafadas, ou como uma substância pura isolada, ou ainda transformada em comprimidos e pomadas, elas produzem um resultado eficiente na recuperação da saúde (LORENZI; MATOS, 2008).

No percurso do tempo têm sido registrados vários procedimentos clínicos tradicionais que utilizam plantas medicinais, pois, ainda que a medicina alopática continue avançando, a população vem utilizando plantas medicinais visando a resultados mais naturais e redução da toxicidade (VEIGA JUNIOR; PINTO, 2005).

Acredita-se que 80% da população mundial utilizam a medicina popular nos primeiros cuidados da saúde (WHO, 2016). Em países como o Brasil, de clima tropical, as inúmeras espécies de plantas medicinais oferecem acesso a uma gama de produtos utilizados, através da automedicação, na prevenção e no tratamento de doenças (MATOS; VIANA; BANDEIRA, 1998).

No entanto, no Brasil, as plantas medicinais da flora nativa são consumidas com pouca ou nenhuma comprovação do seu efeito farmacológico, sendo, muitas vezes, empregada para fins medicinais diferentes daqueles usados pelos silvícolas. Os efeitos adversos dos fitomedicamentos como possíveis adulterações e toxidez, bem como a ação sinérgica, se tornam cada vez mais comuns (VEIGA JUNIOR; PINTO 2005). O uso de plantas medicinais junto com outros medicamentos pode resultar em implicações indesejáveis, podendo até comprometer a vida do indivíduo (MEIJERMAN; BEIJNEN; SCHELLENS, 2006). Nesse sentido, torna-se oportuna a disponibilidade de informações mais detalhadas sobre o uso correto da planta medicinal e seu efeito farmacológico.

2.2 OS VEGETAIS E OS RITUAIS MÍSTICOS NO BRASIL

Desde os tempos primevos da humanidade, o homem busca explicações sobre tudo o que diz respeito à vida: o que se vê, o que se ouve, sente ou teme, o que padece de corpo e alma e também o mistério que envolve a morte e pós-morte (FERICGLA, 1994; CAMARGO, 2006). Segundo estes autores, com o intuito de justificar sua existência como humano, tanto no sentido de um mundo interior, como também exterior e ainda em um plano espiritual extrafísico, configuraram-se no seu imaginário os mitos, os ritos e as entidades divinizadas que habitam um universo sacralizado e se tornaram responsáveis por tudo.

O uso de plantas que alteram as funções normais do corpo e da mente é o método mais difundido através dos tempos por diferentes povos, que buscam respostas para esses conflitos através de contato com o sobrenatural (FERICGLA, 1994). As espécies com tais propriedades, ingeridas, fumadas, cheiradas, ou passadas sobre a pele, recebem o título de sagradas pelos povos “primitivos”, pois por meio delas é possível a comunicação com o mundo espiritual, ou como no caso dos cristãos, a elevação das suas preces ao seu deus (CAMARGO, 2006; LÉVI-STRAUSS, 2010).

Alguns estudos sobre a utilização de plantas em rituais ou cerimônias foram muito bem abordados por alguns pesquisadores das áreas de antropologia e etnobotânica

(CAZENEUVE, 1958; GLUCKMAN, 1962; SCHULTES, 1979; CAMARGO, 1988; 1998; VERGER, 2001).

No entanto, no Brasil, o uso dessas plantas não é tão difundido entre os diferentes povos tradicionais (caboclos/ribeirinhos, caiçaras, afrodescendentes, sertanejos, caipiras e etnias indígenas), sendo mais comum entre os indígenas e quilombolas, em rituais onde há comunicação com os guias espirituais (RODRIGUES; CARLINI, 2003).

Um exemplo são os índios Waikás, que ocupam o sul da Venezuela e o norte do Brasil, e produzem um pó alucinógeno preparado com as sementes de *Anadenanthera peregrina* (L.) Speg., denominado *yopo*. Esse pó é inalado através de longos talos vegetais introduzidos nos orifícios nasais. Antes de aspirarem o pó, os índios se reúnem e cantam para evocar os espíritos de *Hekula*, com os quais os xamãs comunicam-se durante o transe (SCHULTES; HOFMANN, 1993).

Para as religiões afro-brasileiras as plantas de rituais possuem dois papéis bem determinados: primeiramente ela possui um papel sacral, vinculada a um pensamento mítico, onde nelas é depositado o axé (força vitalizadora das divindades); em segundo lugar, o papel funcional, exemplo das plantas psicoativas, que devido as suas propriedades, propiciam as condições ideais para o contato com o sagrado através do transe de possessão – quando as entidades incorporadas agem dentro das celebrações e dos rituais de cura. Porém, estes transes não decorrem somente do uso destas plantas, mas sim, de outros fatores específicos dos rituais (CAMARGO, 2006).

Portanto, as plantas de rituais produzem um estado alterado de consciência que varia de acordo com sua composição química, e que, de acordo com a maneira como são preparadas para o consumo, afetam diferentes regiões do sistema nervoso central (CAMARGO, 2006). As plantas com esse poder simbolizam para os adeptos um meio de poder compreender a natureza das coisas e poder divisar o “invisível”, tornando-se mediadoras entre os dois planos de existência (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2005) e assim solucionar os problemas que os afligem.

2.3 UMBANDA

A miscigenação entre os povos originários, africanos e europeus no Brasil, iniciou no ano de 1500 com a colonização europeia, e continuou sendo uma característica étnica da população brasileira (JENSEN, 2001). Acredita-se que entre os séculos XVI e XIX, cerca de 3.600.000 indivíduos escravizados foram trazidos da África para o Brasil (BASTIDE, 1978),

tornando o país o segundo maior importador de povos escravizados no mundo novo. Apesar da supremacia da Igreja Católica Romana, que proibia a prática das suas religiões nativas, os escravizados africanos conseguiram preservar sua identidade étnica e tradições religiosas (JENSEN, 2001).

A partir do século XV inicia uma das maiores migrações forçadas do mundo, onde milhares de africanos foram capturados e obrigados a sair do seu país de origem para serem vendidos como escravos para europeus e brasileiros em portos distribuídos na África. Os africanos trazidos ao Brasil eram, principalmente, das regiões que hoje são conhecidas como Nigéria, Congo, República Democrática do Congo, Moçambique e Angola. Apesar de serem separados das suas famílias e grupos étnicos, alguns africanos conseguiram manter vínculos com sua herança étnica e tradição cultural. A principal etnia trazida ao Brasil foi a dos Bantos, que cultuavam um deus supremo chamado Zambi e as Nkises, que eram a natureza divina personificada (BOTELHO, 2009; JENSEN, 2011).

Durante o período de escravidão africana no Brasil, muitos africanos escravizados conseguiram fugir das senzalas, conseguindo abrigo nas aldeias indígenas do interior. Além de abrigo, os africanos e ameríndios puderam mesclar suas tradições e conhecimento, incorporando muitos dos costumes africanos aos costumes indígenas, assim como os indígenas aos africanos (BOTELHO, 2009).

No século XIX, aumenta o número de africanos com relativa liberdade circulando em áreas urbanas, com suas próprias residências e com as mínimas condições de desenvolverem sua religiosidade. É nesse cenário que surgem as “Casas de Candomblé”, fortalecendo as tradições dos Bantos somada a algumas poucas práticas herdadas dos indígenas (BOTELHO, 2009).

As religiões de influência africana, como o Candomblé, apareceram primeiramente na periferia urbana, onde os escravizados africanos tinham mais liberdade de movimento (JENSEN, 2001). A partir daí, espalharam-se por todo o país e tomaram diversos nomes como xangô, tambor de minas, batuque, macumba e catimbó (PRANDI, 1998).

No início do século XX, primeiro no Rio de Janeiro e depois em São Paulo, constituiu-se a Umbanda, que logo depois se disseminou por todo o país. A Umbanda surgiu como uma religião universal, dirigida a todos, fortemente influenciada pelas tradições africanas, espíritas, cristãs e indígenas (PRANDI, 1998). Das tradições africanas recebeu o Ser Supremo Olorum ou Zambi e doze orixás do panteon africano; dos cristãos absorveu a seguinte sentença “Amai-vos uns aos outros” e dos espíritas aprendeu: carma e reencarnação como forma de evolução do espírito (OMOLUBÁ, 2014; FAGUNDES, 2015). Porém, a

Umbanda não é uma espécie de degeneração aos cultos africanos ou espíritas kardecistas, mas sim uma reelaboração de ritos, mitos e símbolos que adquiriram novos significados (MAGNANI, 1986).

Devido a fusão das diferentes doutrinas influentes da Umbanda, cada um de seus templos manifestam diferenças essenciais, que variam de acordo com suas raízes, atribuindo-os características próprias e norteando seus trabalhos. Contudo, alguns conceitos dominantes, que são encontrados na maioria das casas, podem, com certa ressalva e cuidado, servir de base para todas as formas de Umbanda. Os umbandistas acreditam em um Deus Supremo, chamado de Olorum ou Zambi; cultuam os orixás, que são entidades que representam um elemento da natureza do planeta, ou da própria personalidade humana; utilizam o mediunismo como contato entre o mundo físico e espiritual; nos seus rituais usam roupas brancas, não cobram pelos seus trabalhos, não matam e não utilizam o sacrifício animal; respeitam e obedecem aos ensinamentos dos valores humanos, como: caridade, fraternidade, respeito ao próximo e a si mesmo (BOTELHO, 2009).

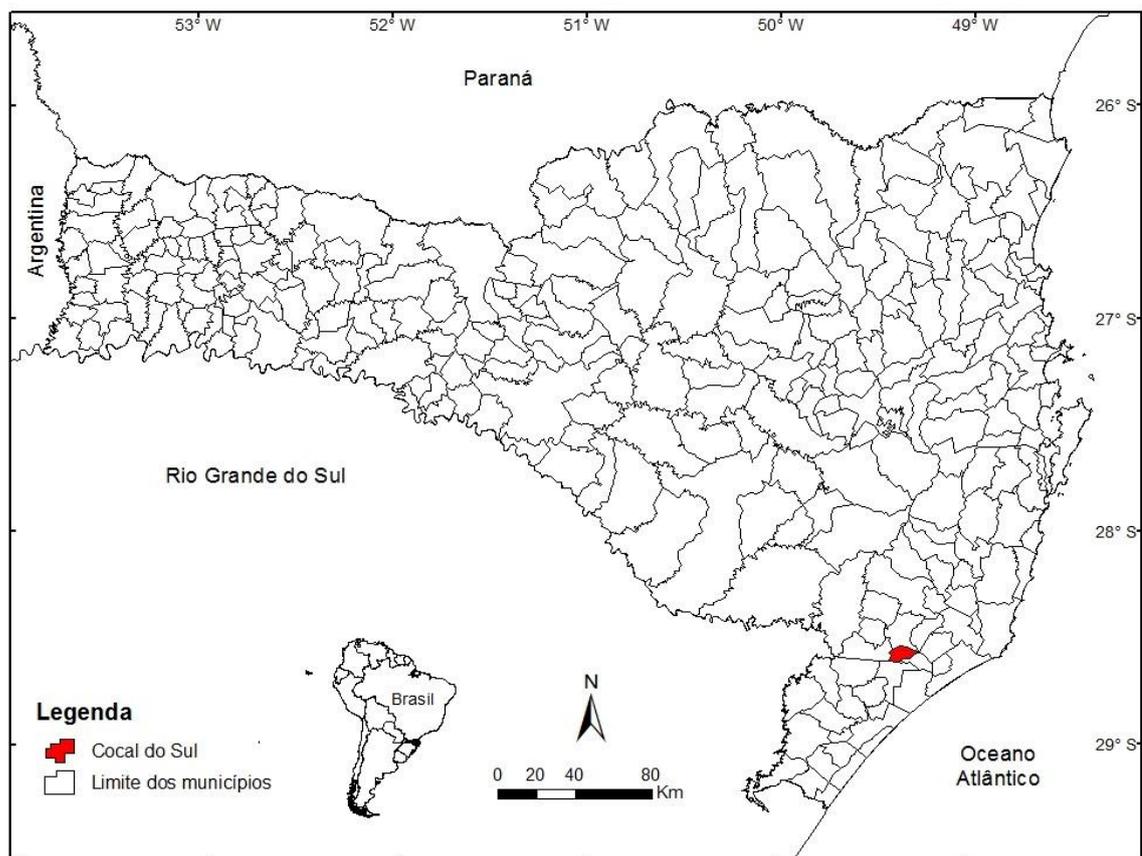
A Umbanda foi criada em um contexto de valorização de “ser brasileiro”, aproveitando-se dos bons exemplos das diferentes religiões existentes, proporcionando a integração de classes, principalmente as excluídas, com maior abertura às formas populares afro-brasileiras. Dessa forma, a Umbanda representa possível convivência entre os três principais grupos étnicos que constituem a cultura brasileira (NASCIMENTO, 2010).

3 METODOLOGIA

3.1 ÁREA E LOCAL DE ESTUDO

O estudo foi realizado no município de Cocal do Sul, localizado no sul do estado de Santa Catarina, entre as coordenadas geográficas 28°36'04" S e 49°19'33" O. Compreende uma área de 78,547 km² e possui aproximadamente 16.446 habitantes (PREFEITURA DE COCAL DO SUL, 2017). Este estudo foi realizado no Centro Espírita Umbandista Pai Tomé e Cabocla Indaiá da Cachoeira (CEUPTCIC), localizado no município de Cocal do Sul (Figura 1).

Figura 1 – Localização do município de Cocal do Sul, Santa Catarina, onde foi realizado o presente estudo.



Fonte: Próprio autor.

Segundo Fagundes (2015), o Centro foi trazido à manifestação terrena no ano de 2011 como instituição religiosa sem fins lucrativos, todavia, foi registrado oficialmente como Templo Religioso para fins burocráticos apenas em 2012. O CEUPTCIC trabalha

espiritualmente com as Sete Linhas de Umbanda, que são: Obaluauê, Iemanjá, Ogum, Xangô, Iansã, Oxum e Oxossi. Não há qualquer tipo de custo nos atendimentos realizados no Centro.

3.2 LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO E AMOSTRAGEM

A pesquisa consistiu em um estudo de campo com abordagem quanti-qualitativa, realizada por meio de entrevista semiestruturada (ALBUQUERQUE et al., 2010). Foram aplicados dois formulários, previamente elaborados, com questões que possibilitaram a discussão do assunto, permitindo que fossem feitas novas perguntas para esclarecer as que não ficaram compreensíveis (BONI; QUARESMA, 2005). O formulário foi dividido em duas partes: (i) coletar dados pessoais do participante (sexo, idade, estado civil, escolaridade, naturalidade, religião) e (ii) coletar dados da planta (nome popular e/ou científico, parte da planta utilizada e forma de utilização).

Para o presente trabalho foi selecionado um umbandista, considerado, pelo questionamento prévio realizado, o maior detentor de conhecimento sobre plantas com uso medicinal no ritual e que trabalha há mais tempo com este grupo de plantas, portanto, aquele que possui mais experiência e conhecimento sobre os aspectos que envolvem a presente pesquisa.

Segundo Di Stasi (1996), a escolha do informante irá depender do interesse do pesquisador, que em muitas vezes o critério adotado refletirá da disponibilidade e interesse dos que participarão da pesquisa. Complementa que, embora esta prática limite os resultados do ponto de vista estatístico, não a invalida, considerando a representatividade da amostra com relação ao conhecimento detido pela população em geral.

A coleta de dados foi realizada em duas visitas, onde o participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A) conforme a Resolução nº 466/2012 do CNS (Conselho Nacional de Saúde), com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE: 2.253.201).

3.3 COLETA DO MATERIAL BOTÂNICO

Foram coletadas todas as espécies vegetais utilizadas nos rituais citadas pelo entrevistado. A coleta foi realizada no município de Cocal do Sul, no local onde o Centro Umbandista extrai as plantas para os rituais. Após identificação botânica, um exemplar de cada espécie foi herborizado (mesmo em estado vegetativo), exsiccado com número de

registro e incorporado ao acervo do Herbário Pe. Dr. Raulino Reitz (CRI) da Universidade do Extremo Sul Catarinense, a fim de retirar dúvidas ou visando a comparações futuras.

3.4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Após o levantamento, os dados obtidos na entrevista foram analisados por meio de comparação com os de artigos científicos publicados nos últimos cinco anos, redigidos na língua portuguesa, inglesa, espanhola e francesa disponíveis em bases de dados como Portal CAPES, *Scopus* e *Web of Science*. Para a pesquisa foi utilizado, como descritor primário de busca, a nomenclatura científica da planta e suas sinónimas.

Os resultados foram colocados em tabelas para melhor visualização e comparação das informações repassadas pelo informante na entrevista.

4 RESULTADOS

4.1 PERFIL DO ENTREVISTADO

O entrevistado é natural e residente do município de Criciúma, Santa Catarina, casado e com o Ensino Superior Completo. Seu primeiro contato com plantas medicinais e ritualísticas foi há 10 anos, por meio da Umbanda e de seus guias espirituais e afirma que o papel das plantas é fundamental na arte de curar e benzer. O conhecimento adquirido sobre a aplicação das plantas foi por meio dos guias espirituais e é repassado aos médiuns e consulentes que frequentam o Centro. As plantas utilizadas nos rituais são cultivadas no terreiro ou compradas.

Quando questionado sobre o uso de plantas medicinais pelos profissionais de saúde, declarou ser perfeito, pois acredita que esse será o futuro da medicina.

4.2 PLANTAS MEDICINAIS E UTILIZADAS NOS RITUAIS

Foram apresentadas pelo entrevistado seis espécies vegetais para fins terapêuticos (Tabela 1) e, destas seis, quatro são aplicadas em seus rituais (Tabela 2). As espécies citadas e escolhidas, segundo o umbandista, são as mais comumente solicitadas pelos guias espirituais e também as que se encontram disponíveis no terreiro.

Tabela 1 - Espécies utilizadas para fins terapêuticos Centro Espírita Umbandista, município de Cocal do Sul, Santa Catarina, com indicação da família botânica, nome científico, nome popular, indicações terapêuticas e modo de usar.

FAMÍLIA/Nome científico	Nome Popular	Indicações Terapêuticas	Modo de Usar
LAMIACEAE			
<i>Lavandula dentata</i> L.	Lavanda/Alfazema	<u>Uso externo</u> : pele, cabelo, piolhos, psoríase, sarna, eczemas, cicatrizante e dores reumáticas. <u>Uso interno</u> : asma, tosse, sinusite, bronquite, insônia, flatulência, vertigens e enxaquecas, combate a depressão, calmante, cólicas intestinais, fígado e problemas de baço.	<u>Uso externo</u> : planta toda usada em banhos. <u>Uso interno</u> : usam-se as sumidades floridas secas para chá.
<i>Mentha rotundifolia</i> L.	Hortelã	<u>Uso externo</u> : aplicado em nevralgias, dores de cabeça e dente e picadas de insetos. <u>Uso interno</u> : digestão, náuseas, cólicas, gases, bñlis, amarelão, expectorante, insônia, calmante e vermífuga.	<u>Uso externo</u> : sumo das folhas pode ser aplicado no local com algodão. Para vermes: adicionar mel ao sumo e tomar por vários dias. <u>Uso interno</u> : chá das folhas de hortelã.
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	<u>Uso externo</u> : cabelo, caspa e pele. <u>Uso interno</u> : histeria, nervosismo, clorose, indigestão, bronquite, asma, tosse, inapetência, sudorífica, anti-reumática, depurativo do sangue e tônica.	<u>Uso externo</u> : banhos das folhas. <u>Uso interno</u> : chá das folhas.

Fonte: Próprio autor

Tabela 1 - Espécies utilizadas para fins terapêuticos no Centro Espírita Umbandista, município de Cocal do Sul, Santa Catarina, com indicação da família botânica, nome científico, nome popular, indicações terapêuticas e modo de usar (Continuação).

FAMÍLIA/Nome científico	Nome Popular	Indicações Terapêuticas	Modo de Usar
PHYTOLACCACEAE			
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	<u>Uso externo</u> : dores reumáticas, artrite, artrose, nevralgias, dores no corpo, cabeça e dente. <u>Uso interno</u> : laringite, dores na garganta e gengivites.	<u>Uso externo</u> : 100 gramas de folhas ou raiz em 1/2 litro de álcool e deixar curtir por 3 dias, após massagear o local desejado. <u>Uso interno</u> : Chá da raiz ou folhas e fazer gargarejos.
ROSACEAE			
<i>Rosa</i> sp.	Rosa-branca-pequena	<u>Uso externo</u> : inflamações, irritação dos olhos, aftas, queimaduras, hemorróidas, abcesso e manchas na pele. <u>Uso interno</u> : calmante, adstringente, digestivo, equilibra o sono e laxativo.	<u>Uso externo</u> : compressas do chá das pétalas. <u>Uso interno</u> : chá das pétalas.
RUTACEAE			
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	<u>Uso externo</u> : dor de cabeça, dor de dente e de ouvido. <u>Uso interno</u> : flatulência, calmante, fraqueza dos vasos sanguíneos, indigestão, ressaca e embriaguês, incontinência da urina e anti-infecciosa.	<u>Uso externo</u> : para dor de cabeça esfregar folha na testa; para dor de dente e ouvido fazer sumo dos ramos e aplicar no local com algodão. <u>Uso interno</u> : apenas uma colher de chá da flor ou folha para uma xícara de água. Evitar uso na gravidez.

Fonte: Próprio autor

Tabela 2 - Espécies utilizadas para fins ritualísticos no Centro Espírita Umbandista, município de Cocal do Sul, Santa Catarina, com indicação da família botânica, nome científico, nome popular, uso ritualístico e modo de usar.

FAMÍLIA/Nome científico	Nome Popular	Uso Ritualístico	Modo de Usar
LAMIACEAE			
<i>Lavandula dentata</i> L.	Lavanda/Alfazema	Acalmadora do espírito, tranquiliza as situações difíceis. Harmonia.	Banhos e defumações.
<i>Mentha rotundifolia</i> L.	Hortelã	Estimulante para todos os sentidos da vida, equilíbrio, abre caminhos, levanta o astral e atrai boa sorte.	Banhos e defumações.
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	Equilíbrio, rejuvenescimento, alegria, clarear e iluminar os pensamentos.	Banhos e defumações.
ROSACEAE			
<i>Rosa</i> sp.	Rosa-branca-pequena	Apaziguadora de espírito, auxilia no desenvolvimento psíquico, purificadora dos chakras.	Amacis, banhos, bebidas ritualísticas.

Fonte: Próprio autor

4.3 DESCRIÇÃO BOTÂNICA E AGROECOLÓGICA

4.3.1 *Lavandula dentata* L. (CRI 12746)

Planta de hábito subarborescente, perene, ramificada na base e com caule quadrangular que pode atingir 0,9-1 m de altura; apresenta folha simples, lineares estreitas, de margem denteada e revoluta, com 2-4 cm de comprimento e coloração verde-acinzentado; possui inflorescência em espigas densas apicais que ultrapassam as folhagens em longos pedúnculos, com flores de 6-10, pequenas, azuis, lilases ou roxas (MCNAUGHTON, 2006; CLEMENTE; HABER, 2013; LORENZI; MATOS, 2008).

Lavandula dentata tem origem mediterrânea, das Ilhas do Atlântico e Península Árabe (BOWN, 2005), mais especificamente do leste e sul da Espanha (GEMTCHUJNICOV, 1976; BAYER, 1989). É popularmente conhecida como lavanda-francesa ou alfazema (LORENZI; MATOS, 2008).

A topografia, altitude e temperatura exercem forte influência no cultivo de lavanda, pois a espécie prefere regiões de até 800 m acima do nível mar (McNAUGHTON, 2006). Não é tão exigente quanto ao solo, requer apenas que seja bem drenado, arenoso ou franco arenoso; tolera muito bem o clima seco e invernos rigorosos (DAIS, 2009); multiplica-se por estaquia ou sementes (LORENZI; MATOS, 2008). Para o cultivo é indicado espaçamento de 1,20 × 0,4 m (DAIS, 2009).

4.3.2 *Mentha rotundifolia* L. (CRI 12738)

Planta herbácea, perene, com caule verde e pouco piloso; suas folhas são decussadas, simples, crenadas ou denteadas, arredondadas, de coloração verde-claro e textura membranácea, muito rugosa e pilosa; possui flores brancas, dispostas em espigas verticiladas (FERREIRA, 2008; SILVA JUNIOR, 1997).

Nativa do sul e ocidente europeu, estendendo-se para o norte até a Holanda (OUMZIL et al., 2002). No Brasil é conhecida como erva-bona, hortelã-cheirosa, hortelã-chinesa, hortelã-comum, hortelã-cultivada, hortelã-da-horta, hortelã-das-hortas, hortelã-de-cavalo, hortelã-de-cheiro, hortelã-de-horta, hortelã-de-folha-miúda, hortelã-de-folha-redonda, hortelã-de-leite, hortelã-de-panela, hortelã-de-tempero, hortelã-do-brasil, hortelã-miúda, hortelã-pimenta-rasteira, hortelã-rasteira, menta-maçã, mentrasto, poejo (SILVA JUNIOR, 1997).

A espécie tem preferência por solos leves, porosos e com boa concentração de matéria orgânica; bem adaptada a climas temperados e subtropicais, é heliófita, porém, em altas temperaturas associadas a pouca precipitação, diminuem a concentração de óleos essenciais; propaga-se por sementes, divisão de rizomas e estacas radicantes; quando plantadas, aconselha-se espaçamento de 0,4 × 0,3 m entre si (SILVA JUNIOR, 1997).

4.3.3 *Rosmarinus officinalis* L. (CRI 12745)

Planta subarborescente, perene, lenhosa na base, ereta, pouco ramificada, com até 1,5 m de altura; apresenta folhas opostas, lineares, inteiras, coriáceas, com forte aroma e com 1,5-4 cm de comprimento; possui as margens recurvas para face inferior, onde apresenta pilosidade, o que lhe confere uma coloração esbranquiçada; suas flores são pequenas, hermafroditas, bilabiadas, de azul-arroxeadas a esbranquiçadas, dispostas em inflorescência axilar e terminal do tipo cacho ou racemo; seu fruto é do tipo aquênio ovóide (SILVA JUNIOR, 1997; LORENZI; MATOS, 2008).

Espécie de origem mediterrânea, entre o sul da Europa e norte da África, bem aclimatada no Brasil (SILVA JUNIOR, 2003). Popularmente conhecida como alecrim-da-horta, alecrim-de-cheiro, alecrim-de-jardim, alecrim-rosmarinho, alecrim-rosmarino, alecrinzeiro, erva-da-graça, libanotis, rosmarim, rosmarino, flor-de-olimpico (SILVA JUNIOR, 1997; LORENZI; MATOS, 2008).

O alecrim vegeta espontaneamente em terrenos pedregosos e arenosos no litoral dos países mediterrânicos, entre o sul da Europa e norte da África. No Brasil, encontra-se bem aclimatada e cultivada em hortas e jardins (SILVA JUNIOR, 1997). Desenvolve-se bem em solos calcário, seco, pouco fértil em nutrientes, arenoso e bem drenado (LORENZI; MATOS, 2008); não tolera solos ácidos (SILVA JUNIOR, 1997), excesso de matéria orgânica e umidade, pois é prejudicial para a concentração de óleo essencial (CASTRO; CHEMALE, 1995). Prefere clima temperado quente, com dias longos e bastante luminosidade, sensível ao vento e temperaturas muito baixas, por isso a produção de óleo essencial é maior no verão do que no inverno; noites quentes favorecem seu crescimento, enquanto que períodos chuvosos ou com nevoeiro reduzem os princípios bioativos (CASTRO; CHEMALE, 1995; SILVA JUNIOR, 1997). Para o plantio, o espaçamento entre as plantas mais indicado é $0,50 \times 0,70$ m (SILVA JUNIOR, 1997; SARTÓRIO et al., 2000), ou $0,40 \times 0,60$ (LORENZI; MATOS, 2008) para porte arbustivo usar espaçamento de $1,20 \times 0,80$ (CASTRO; CHEMALE, 1995).

4.3.4 *Petiveria alliacea* L. (CRI 12737)

Planta subarborescente, perene, ereta, com base lenhosa, rizomatosa e leve aroma de alho, podendo atingir até 70 cm de altura; seus ramos são delgados, lineares e angulosos, esverdeados e pilosos quando jovens, ocre e glabros quando adultos; suas folhas são alternas, membranáceas, elípticas, ovadas, obovadas ou lanceoladas, pubescentes ou glabras, penínervias, apresentando pecíolos estriados, base aguda e ápice acuminado, agudo, raramente obtuso, margem lisa e levemente ondulada, face adaxial glabra ou pilosa junto a nervura principal, face abaxial levemente pilosa, tricomas curtos e escassos; inflorescência ereta, racemosa, axilar ou terminal, cilíndrica, delgada e laxa, com flores hermafroditas apresentando pedicelos levemente pilosos e tépalas esbranquiçadas ou amarelas; fruto aquênio tubuloso (LORENZI; MATOS, 2008; MARCHIORETTO, 2017).

Espécie nativa de regiões tropicais como a América do Sul, Caribe e Jamaica, largamente cultivada em hortas e jardins domésticos em várias regiões do Brasil com fins ornamentais, místicos e medicinais (LORENZI; MATOS, 2008; MARCHIORETTO, 2017).

É conhecida como guiné, erva-de-guiné, cagambá, tipi, erva-de-tipi, erva-de-pipi, pipi, cangambá, embiaiando, embirembo, emboaembo, emburembo, enraiembo, tipi-verdadeiro, amansa-senhor, macura-caá, erva-de-alho, gambá, gerataca, gorana-timbó, gorarema, gorazema, iratacaca, macura, ocoembro, paraacaca, paracoca, pau-de-guiné, raiz-de-congonha, raiz-de-gambá, raiz-de-guiné, raiz-de-pipi, raiz-do-congo, mucuracaá (LORENZI; MATOS, 2008; SILVA JUNIOR, 1997).

É uma erva ruderal muito comum em Santa Catarina, encontrada em capoeiras, orla e caminho das matas e clareiras (SANTOS; FLASTER, 1967). Adapta-se a qualquer tipo de solo desde que sejam frescos e drenados; esciófita, de clima tropical e subtropical. Multiplica-se por sementes e estacas em espaçamento de 0,80 × 0,40 m entre si (SILVA JUNIOR, 1997).

4.3.5 *Rosa* sp. (CRI 12736)¹

A rosa-branca é uma planta arbustiva, perene, com crescimento ereto, ramos basais grossos e caule lenhoso com acúleos; suas folhas são compostas pinadas, caducas, de margem serrilhada, com 5-7 folíolos, apresenta estípula; as flores localizam-se no ápice da haste floral, contendo originalmente 5 sépalas e 5 pétalas, no entanto, devido ao grande hibridismo da espécie, as pétalas podem elevar de número; possui fruto carnosos (BAÑON ARIAS et al., 1993; JOLY, 2002).

Espécie nativa da Ásia e regiões temperadas do Hemisfério Norte (HOLLIS, 1974; BROERTJES; VAN HARTEN, 1988). Popularmente conhecida como rosa, rosa-branca, rosa-branca-pequena (LORENZI; MATOS, 2008).

As rosas são encontradas desenvolvendo-se desde os climas mais frios, próximos ao Círculo Polar Norte, em grandes altitudes como o Tibet e em climas extremamente quentes (SEVERINO, 2007). Preferem solos argilosos, férteis, bem drenados e aerados (SEVERINO, 2007); apresentam bom desenvolvimento em regiões com temperaturas próximas de 5 °C à noite e 27 °C durante o dia (JUNQUEIRA; PEETZ, 2011); os métodos mais utilizados para produção de mudas são enxertia, alporquia e estaquia (LOCARNO, 2011); no cultivo aconselha-se espaçamento de 1,20 × 0,20 m entre si (SEVERINO, 2007).

¹ Descrição com base no gênero e no material coletado.

4.3.6 *Ruta graveolens* L. (CRI 12739)

Planta subarbastiva, perene, rizomatosa, com caule ereto, lenhoso na base e pouco ramificado; folhas compostas, alternas, pinadas, com folíolos aromáticos, glabros, de coloração verde-azulado, com menos de 1cm de comprimento; suas flores pequenas e amarelas, estão dispostas em inflorescência do tipo corimbo; os frutos são capsulares e as semente rugosas (COWAN; SMITH, 1973; CORRÊA; BATISTA; QUINTAS, 1998; LORENZI; MATOS, 2008).

Nativa da Europa meridional é cultivada em vários países da Europa oriental e também no Brasil, para fins medicinais. No Brasil é conhecida como arruda, arruda-fedorenta, ruta-de-cheiro-forte, arruda-aromática, arruda-dos-jardins, arruda-do-povo, ruda, ruta-dos-jardins, ruta-fedorenta, arruda-doméstica, arruda-macho, arruda-fêmea e erva-arruda (LORENZI; MATOS, 2008).

Frequentemente cultivada em jardins ou nas proximidades das casas (COWAN; SMITH, 1973), prefere solos permeáveis e ricos em matéria orgânica, pois solos pesados e úmidos dificultam o crescimento das plantas. Desenvolve-se bem em regiões de clima tropical, subtropical e temperado seco. Sua propagação se dá por sementes e estacas dos ramos, com espaçamento de 0,70 × 0,30 m (SILVA JUNIOR, 1997).

5 DISCUSSÃO

Os rituais mencionados no presente estudo estão ligados ao conceito de execução e nada mais são do que a melhor maneira de utilizar as ervas para que se possa absorver o poder místico da planta em forma de amuletos, chás, defumações ou banhos, unindo o mágico com as propriedades medicinais das espécies (CAMARGO, 2015; ALMEIDA, 2016).

5.1 *Lavandula dentata* L.

Conforme o entrevistado, a lavanda possui uma energia vibratória tranquilizadora, trazendo paz de espírito para resolver os problemas do dia-a-dia. É comumente utilizada para desenvolvimento e preparação dos médiuns, geralmente na forma de banhos e defumações, que servem para limpeza do terreiro, do corpo mediúnico e da assistência, agindo na energia do corpo físico e espiritual.

No CEUPTCIC, *L. dentata* é indicada pelos guias espirituais para tratamento de males físicos e espirituais. O uso da espécie pelos umbandistas vai ao encontro de estudos realizados em comunidades tradicionais e população em geral para tratar cólicas intestinais, problemas hepáticos (JAMILA; MOSTAFA, 2014; MIKOU; RACHIQ; OULIDI, 2016; TEIXIDOR-TONEU et al., 2016), doenças dermatológicas e respiratórias (TEIXIDOR-TONEU et al., 2016), dor no baço, insônia e ansiedade (MIKOU; RACHIQ; OULIDI, 2016).

Embora citados no estudo, o uso da alfazema pelos umbandistas para cabelo, piolhos, sarna, eczemas, cicatrizante e dores reumáticas, insônia, flatulência, vertigens e enxaquecas, combater a depressão, calmante e problemas de baço, não foram encontrados estudos etnobotânicos que confirmassem essa utilização.

5.2 *Mentha rotundifolia* L.

A hortelã, no CEUPTCIC, é usada para fortalecer o espírito, dar ânimo e coragem, é energizadora, estimulante, estabilizadora da energia vital. É utilizada em banhos e, quando seca, em defumações.

A espécie não é muito popular na fitoterapia e em apenas um estudo (NEVES et al., 2009) foi descrita a mesma indicação relatada pelo entrevistado. Estes autores realizaram estudo na região de Trás-os-Montes, no norte de Portugal, e relatam que os moradores também utilizam a planta para aliviar problemas digestivos.

Na busca por publicações etnobotânicas e de uso popular de *M. rotundifolia*, para os últimos cinco anos, não foram encontradas informações sobre os usos mencionados pelo entrevistado (ver Tabela 1) o que evidencia ainda o pouco conhecimento sobre a espécie.

5.3 *Rosmarinus officinalis* L.

O alecrim é muito utilizado no CEUPTCIC para indicação de banhos e defumações, sendo extremamente equilibradora e tranquilizadora. Associada a outras ervas dá consistência e estabilidade ao preparo.

Em estudo realizado por Geck et al. (2016) com comunidades Zoque, no México, demonstraram que a planta é utilizada pelo povo para expulsar espíritos malignos. Primeiramente é preparada uma maceração alcoólica, que é ingerida e depois expulsa em forma de vômito sobre a face e corpo do doente.

Rosmarinus officinalis, por ser uma planta de conhecimento muito antigo, é uma das mais utilizadas em diferentes regiões do mundo e seu uso é bastante diversificado. O uso medicinal da planta pelos umbandistas é mencionado em outros estudos para tratamento de problemas pulmonares (CADENA-GONZÁLEZ; SORENSEN; THEILADE, 2013; BENARBA, 2016; MIKOU; RACHIQ; OULIDI, 2016; BIESKI et al., 2016; EDDOUKS; AJEBLI; HEBI, 2017), cabelo (CADENA-GONZÁLEZ; SORENSEN; THEILADE, 2013; EDDOUKS; AJEBLI; HEBI, 2017), reumatismo (CADENA-GONZÁLEZ; SORENSEN; THEILADE, 2013; EDDOUKS; AJEBLI; HEBI, 2017), indigestão (ANDRADE-CETTO, 2009; CORNARA et al., 2009; CADENA-GONZÁLEZ; SORENSEN; THEILADE, 2013; BENARBA, 2016; ALVES-SILVA et al., 2017), nervosismo e clorose (MIKOU; RACHIQ; OULIDI, 2016), depurativo do sangue (CORNARA et al., 2009) e doenças de pele (EDDOUKS; AJEBLI; HEBI, 2017).

O alecrim também é utilizado pelo entrevistado para tratar histeria, inapetência, sudorífica e tônica. No entanto, na pesquisa realizada, não há registro de utilização desta espécie para estas funções terapêuticas.

5.4 *Petiveria alliacea* L.

A planta é indicada no CEUPTCIC tanto para uso externo, como interno, para tratamento de diferentes males. Por meio de pesquisa bibliográfica, foi constatado semelhança na aplicação terapêutica da espécie em diferentes regiões geográficas para reumatismo

(ALBUQUERQUE et al., 2007; BIESKI et al., 2012; QUIROGA; MENESES; BUSSMANN, 2012; BIESKI et al., 2015), dores no corpo (ALBUQUERQUE et al., 2007; BIESKI et al., 2015) e garganta (BIESKI et al., 2015).

Foi relatado também o emprego de *P. alliacea* para tratamento de artrite, artrose, nevralgias, dores de cabeça e dente, laringite e gengivites, indicações das quais não foram encontrados estudos que corroboram estes usos.

Embora não mencionado pelo entrevistado, o nome popular Amansa-senhor é decorrente do uso da raiz “pelas negras em cativeiro misturada à comida ou café e chás para amansar os feitores” (ALMEIDA, 2016, p. 94). E, segundo Caminhoá (1884) citado por Almeida (2016, p. 94), “... o uso contínuo do Guiné torna os indivíduos apáticos levando à idiotia’.

5.5 *Rosa* sp.

A rosa-branca, no CEUPTCIC, serve de oferenda para os Orixás Oxalá e Iemanjá, podendo ser usada em todos os amacis, - que são rituais dentro da Umbanda, onde se faz um banho ou elixir forte com as ervas e água mineral, ou outros líquidos, para lavar a cabeça dos filhos do terreiro (RAINHO, 2016) – e ornamentações festivas, pois compõe verdadeira honra para todos os Orixás (divindades). Possui capacidade apaziguadora de espírito, auxilia no desenvolvimento psíquico, purificadora dos chakras, em especial o coronal, o frontal e o cardíaco, estabelecendo, assim, forte conexão com o plano espiritual. É utilizada principalmente em banhos ou bebidas ritualísticas dos Orixás.

Seu uso pelos umbandistas ratifica estudos etnobotânicos para o tratamento de abcessos (BIESKI et al., 2015), aftas (OLIVEIRA; MENINI NETO, 2012) e manchas na pele (PIERONI, 2017).

A rosa-branca é utilizada no CEUPTCIC para outros males, como: inflamações, irritação dos olhos, queimaduras, hemorróidas, calmante, adstringente, digestivo, equilibra o sono e laxativo; todavia não foram encontrados registros nas bases de dados consultadas para estes agravos à saúde.

5.6 *Ruta graveolens* L.

Conforme declarado na entrevista, no CEUPTCIC o uso interno da planta é feito de forma controlada, pois, segundo o entrevistado, a planta apresenta certo nível de

toxicidade, sendo evitada na gravidez. Ainda assim, alguns dos seus usos foram mencionados em outros estudos etnobotânicos para: infecções (LEMOS et al., 2016), indigestão (ALONSO-CASTRO et al., 2012; LIPORACCI; SIMÃO, 2013; ZEGGWAGH; LAHLOU; BOUSLIMAN, 2013; VITALINI et al., 2015; KOSIC; JURACAK; LUCZAJ, 2017), calmante (ALONSO-CASTRO et al., 2012; VITALINI et al., 2015; KOSIC; JURACAK; LUCZAJ, 2017), dores de cabeça (LIPORACCI; SIMÃO, 2013; OLIVEIRA et al., 2015; ANDRADE; MOSQUERA; ARMIJOS, 2017), dor no ouvido (ALONSO-CASTRO et al., 2012; RIBEIRO et al., 2013) e dor de dente (ALONSO-CASTRO et al., 2012).

A arruda também é indicada, no CEUPTCIC, para o tratamento de flatulência, fraqueza dos vasos sanguíneos, ressaca, embriaguez e incontinência da urina, mas, para estes males, não foram encontrados levantamentos etnobotânicos publicados em artigos que atestam tal efeito.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Umbanda é uma religião que possui forte conexão com a natureza e faz dela seu templo. Sabe-se, desde a antiguidade, que muitas plantas são utilizadas em rituais místicos. O presente estudo revelou que algumas plantas são preferencialmente usadas para estes objetivos devido ao seu poder energético e pela associação aos Orixás.

A correta identificação botânica de plantas medicinais é primordial, pois pode evitar o uso indevido da planta e possíveis intoxicações. Basear-se em nomes populares é extremamente arriscado, pois duas espécies podem ter o mesmo nome popular em diferentes regiões geográficas, ou dentro da mesma região. Além da identificação correta, o manejo utilizado no cultivo das plantas exerce forte influência na produtividade da planta e no teor dos princípios bioativos.

Embora encontrados vários estudos etnobotânicos que respaldam a utilização das espécies no CEUPTCIC, ficou clara a necessidade de maior investigação quanto as patologias indicadas e não encontradas na literatura. Um exemplo é a *Mentha rotundifolia*, que apresentou o menor número de estudos. Tal resultado pode estar relacionado à difícil identificação botânica de espécies do gênero *Mentha*, o que serve de alerta para o uso correto da espécie, quando utilizada para fins medicinais. Esta constatação evidencia a necessidade de mais estudos sobre *M. rotundifolia*.

Os guias espirituais que atuam nos terreiros são escravos, índios, ciganos, entre outros, que possuem na sua simplicidade um poder imensurável, a riqueza do saber. Estes simples nas suas diferentes condições de vida, criaram um elo muito forte com a natureza e dela extraíram sua sabedoria. Resgatar esse conhecimento/tradição é de tal relevância, não somente no meio acadêmico, mas para melhor compreensão de tais práticas e, dessa forma, quebrar paradigmas enraizados na sociedade relacionados à Umbanda. A valorização deste conhecimento é fundamental para o avanço da ciência. Diante disso, destaca-se a importância da etnobotânica e da etnofarmacologia como forma de resgatar os saberes pretéritos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. **Folhas sagradas: as plantas litúrgicas e medicinais nos cultos afro-brasileiros**. 2. ed. Recife: Nupeea, 2006. 195 p.
- ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. As plantas na medicina e na magia dos cultos afro-brasileiros. In: ALBUQUERQUE, U. P.; ALMEIDA, C. F. C. B. R.; MARINS, J. F. A. **Tópicos em conservação, etnobotânica, etnofarmacologia de plantas medicinais e mágicas**. Recife: NUPEEA/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2005. p. 51-75.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; LINS NETO, E. M. F. Seleção dos participantes da pesquisa. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LECENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (Org.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: NUPPEA, 2010. p. 21-37.
- ALBUQUERQUE, U. P.; MONTEIRO, J. M.; RAMOS, M. A.; AMORIM, E. L. C. Medicinal and magic plants from a public market northeastern Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 110, p. 76-91, 2007.
- ALMEIDA, M. Z. **Plantas medicinais**. 4. ed. Salvador: EDUFBA, 2016. 213 p.
- ALONSO-CASTRO, A. J.; MALDONADO-MIRANDA, J. J.; ARATE-MARTINEZ, A.; JACOBO-SALCEDO, M. R.; FERNÁNDEZ-GALICIA, C.; FIGUEROA-ZUÑIGA, L. A.; RIOS-REYES, N. A.; LEÓN-RUBIO, M. A.; MEDELLÍN-CASTILLO, N. A.; REYES-MUNGUÍA, A.; MÉNDEZ-MARTÍNEZ, R.; CARRANZA-ALVAREZ, C. Medicinal plants used in the Huasteca Potosina, México. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 143, p. 292-298, 2012.
- ALVES-SILVA, J. M.; ROMANE, A.; EFFERTH, T.; SALGUEIRO, L. North African medicinal plants traditionally used in câncer therapy. **Frontiers in Pharmacology**, v. 8, n. 383, p. 1-24, 2017.
- ANDRADE-CETTO, A. Ethnobotanical study of the medicinal plants from Tlanchinol, Hidalgo, México. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 122, p. 163-171, 2009.
- ANDRADE, J. M.; MOSQUERA, H. L.; ARMIJOS, C. Ethnobotany of indigenous saraguros: medicinal plants used by community healers “Hampiyachakkuna” in the San Lucas Parish, Southern Ecuador. **BioMed Research International**, v. 2017, p. 1-20, 2017.
- ARAÚJO, A. M. **Cultura popular brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1973. 193 p.
- ASSIS, R. M. A.; LAMEIRA, O. A.; RIBEIRO, F. N. S.; NUNES, R. L. P. **Avaliação fenológica da espécie *Petiveria alliacea* L.** Embrapa Amazônia Oriental, Pará, 2013. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/91971/1/Resumo45.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2017.
- BAÑÓN ARIAS, S.; CIFUENTES ROMO, D.; HERNANDES, J. A. F.; BENEVENTES-GARCIA, A. La rosa. In: BAÑÓN ARIAS et al. **Lilium, Tulipán y Rosas**. Madrid: Mundi-Prensa, 1993. p. 202-250.

BASTIDE, R. **The African Religions of Brazil: toward a sociology of the interpretation of the civilizations.** Londres: John Hopkins University Press, 1978. 494 p.

BAYER, E. **Plantas del Mediterráneo.** Barcelona: Blume, 1989. 360 p.

BENARBA, B. Medicinal plants used by traditional healers from South-West Algeria: na ethnobotanical study. **Journal of Intercultural Ethnopharmacology**, v. 5, n. 4, p. 220-330, 2016.

BIESKI, I. G. C.; LEONTI, M.; ARNASON, J. T.; FERRIER, J.; RAPINSKI, M.; VIOLANTE, I. M. P.; BALOGUN, S. O.; PEREIRA, J. F. C. A.; FIGUEIREDO, R. C. F.; LOPES, C. R. A. S.; SILVA, D. R.; PACINI, A.; ALBUQUERQUE, U. P.; MARTINS, D. T. O. Ethnobotanical study of medicinal plants by population of Valley of Juruena Region, Legal Amazon, Mato Grosso, Brazil. **Jornal of Ethnopharmacology**, v. 173, p. 383-423, 2015.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BOTELHO, J. **Apostila de estudo: Umbanda - estudo básico.** Rio de Janeiro: TEDES – Tenda Espírita Divino Espírito Santo, 2009.

BOWN, D. *Lavandula*. **Encyclopedia of Herbs**, 3. ed. New York: D.K. Publications, 2005.

BROERTJES, C.; VAN HARTEN, A. M. Applied mutation breeding for vegetatively propagated crops. **Developments in Crop Science**, Amsterdam, v. 12, p. 197-204, 1988.

CADENA-GONZÁLEZ, A. L.; SORENSEN, M.; THEILADE, I. Use and valuation of native and introduced medicinal plant species in Campo Hermoso and Zetaquirá, Boyacá, Colombia. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 9, n. 23, p. 1-14, 2013.

CAMARGO, A. **Rituais com ervas: banhos, defumações e benzimentos.** 4. ed. São Paulo: Livre Expressão, 2015. 216 p.

CAMARGO, M. T. L. A. **Medicina popular.** Rio de Janeiro: MEC/ Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1976. 40 p.

_____. **Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros I.** São Paulo: Ícone Editora, 1988. 97 p.

_____. **Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros II.** 1. ed. São Paulo: Ícone Editora, 1998. 232 p.

_____. Os poderes das plantas sagradas numa abordagem etnofarmacobotânica. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 15-16, p. 395-410. 2006.

_____. **As plantas medicinais e o sagrado: a etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil.** 1. ed. São Paulo: Ícone, 2014. 264 p.

CASTRO, L. O.; CHEMALE, V. M. **Plantas Mediciniais: Condimentares e aromáticas** Descrição e cultivo, Guaíba: Agropecuária, 1995. 196 p.

CAZENEUVE, J. **Les rites et la condition humaine**. Paris: Universitaires de France, 1958. 500 p.

CLEMENTE, F. M. V. T.; HABER, L. L. **Plantas Aromáticas e condimentares: uso aplicado na horticultura**. Brasília: Embrapa hortaliças, 2013. 150 p.

CORNARA, L.; ROCCA, A.; MARSILI, S.; MARIOTTI, M. G. Traditional uses of plants in the Eastern Riviera (Liguria, Italy). **Journal of Ethnopharmacology**, v. 125, p. 16-30, 2009.

CORRÊA, A. D.; BATISTA, R. S.; QUINTAS, L. E. M. **Plantas medicinais: do cultivo a terapêutica**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 248 p.

COSTA, S. **Dois Atlânticos: teoria social, antirracismo, cosmopolitismo**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. 267 p.

COWAN, R. S.; SMITH, L. B. **Rutáceas**. Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, p. 45-47, 1973.

DAIS. Directorate Agricultural Information Services. Department of Agriculture, Forestry and Fisheries South Africa. **Lavender production**. 2009. Disponível em: <<http://www.nda.agric.za/docs/brochures/essoilslavender.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017.

DI STASI, L. C. (Org.). **Plantas medicinais, arte e ciência: um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: UNESP, 1996. 230 p.

EDDOUKS, M.; AJEBLI, M.; HEBI, M. Ethnopharmacological survey of medicinal plants used in Daraa-Tafilalet region (Province of Errachidia), Morocco. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 198, p. 516-530, 2017.

JAMILA, F.; MOSTAFA, E. Ethnobotanical survey of medicinal plants used by people in oriental Morocco to manage various ailments. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 154, p. 76-87, 2014.

FAGUNDES, D. G. **Cartilha do MédiuM do Centro Espírita Umbandista Pai Tomé e Cabocla Indaiá da Cachoeira**. Documento Particular. 2015.

FERCGLA, J. M. Alucinógenos ou Adaptógenos Inespecíficos? In: FERICGLA, J. M. (Ed.). **Plantas, chamanismo y estados de consciência**. Barcelona: La Liébre de Marzo S.L, 1994. p. 231-252.

FERREIRA, C. P. **Caracterização química e morfológica de genótipos de *Mentha* spp.** 2008. 96 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Agrárias)- Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

GARÉ, J. A. M. **Produção de mudas para a realização de um jardim de plantas medicinais do tipo mandala**. 2010. 28 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Agronomia)- Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

GECK, M. S.; GARCÍA, A. J. R.; CASU, L.; LEONTI, M. Acculturation and ethnomedicine: a regional comparison of medicinal plant knowledge among the Zoque of Southern Mexico. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 187, p. 146-159, 2016.

GEMTCHUJNICOV, I. D. **Manual de taxonomia vegetal: plantas de interesse econômico, agrícolas, ornamentais e medicinais.** São Paulo: Agronômica Ceres, 1976. 368 p.

GLUCKMAN, M. **Essays on the ritual of social relations.** 1. ed. Oxford: Manchester University Press, 1962. 190 p.

GOMES, H. H. S.; DANTAS, I. C.; CATÃO, M. H. C. V. Plantas medicinais: sua utilização em terreiros de Umbanda e candomblé na zona leste da cidade de Campina Grande – PB. **Revista de Biologia e Farmácia**, v. 3, n. 1, p. 110-129, 2008.

GUARIM NETO, G. **Plantas utilizadas na medicina popular do Estado de Mato Grosso.** 2. ed. Brasília: CNPq, 1987. 58 p.

HOLLIS, L. Collinridge Standard Guides: Roses. Prescott: Tinling, 1974. 240 p.

JENSEN, T.G. Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: da desaffricanização para a reafricanização. **Revista de Estudos da Religião.** v.1, n.1, p.1-21, 2001.

JOLY, A. B. **Botânica: introdução à taxonomia vegetal.** 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 2002. 777 p.

JORGE, S. S. A. **Plantas Mediciniais: Coletânea de Saberes.** 2003. Disponível em: <<http://fazendadocerrado.com.br/teste.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

JUNQUEIRA, A. H.; PEETZ, M. S. **Balanco do comércio exterior da floricultura brasileira.** 2011. Disponível em: <http://www.hortica.com.br/artigos/2012Balanco_do_Comercio_Exterior_da_Floricultura_Br_aBrasile.pdf>. Acesso em: 29 out. 2017.

KOSIC, I. V.; JURACAK, J.; LUCZAJ, L. Using Ellenberg-Pignatti values to estimate habitat preferences of wild food and medicinal plants: na example from northeastern Istria (Croatia). **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 113, n.31, p. 1-19, 2017.

LEMONS, I. C. S.; DELMONDES, G. A.; SANTOS, A. D. F.; SANTOS, E. S.; OLIVEIRA, D. R.; FIGUEIREDO, P. R. L.; ALVES, D. A.; BARBOSA, R.; MENEZES, I. R. A.; COUTINHO, H. D. M.; KERNTOPF, M. R.; FERNANDES, G. P. Ethnobiological survey of plants and animals used for the treatment of acute respiratory infections in children of a traditional community in the municipality of Barbalha, Ceará, Brazil. **African Journal of Traditional, Complementary and Alternative Medicines**, v. 13, n. 4, p. 166-175, 2016.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem.** 11. ed Campinas: Papirus, 2010. 336 p.

LIPORACCI, H. S. N.; SIMÃO, D. G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais nos quintais do Bairro Novo Horizonte, Ituiutaba, MG. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 15, n. 4, p. 529-540, 2013.

LOCARNO, M. **Propagação de roseiras em sistema hidropônico.** 2011. 75 f. Tese (Doutorado em Agronomia/Fitotecnia)- Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2011.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas.** 2. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008. 544 p.

MAGNANI, J. G. C. **Umbanda**. São Paulo: Ática, 1986. 64 p.

MARCHIORETTO, M. S. Phytolaccaceae. In: **Flora do Brasil 2020 em construção**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB24174>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

MARTINS, E. R.; CASTRO, D. M.; CASTELLANI, D. C.; DIAS, J. E. **Plantas medicinais**. Viçosa: UFV, 2000. 220 p.

MATOS, F. J. A.; VIANA, G. S. B.; BANDEIRA, M. A. M. **Guia Fitoterápico**. Fortaleza: Editora da UFC, 1998.

MCNAUGHTON, V. **Lavender: the grower's guide**. Portland (USA): Timber Press, 2006. 192 p.

MEIJERMAN, I.; BEIJNEN, J. H.; SCHELLENS, J. H. M. Herb-drug interactions in oncology: focus on mechanisms of induction. **Oncologist**, v. 11, p. 742-52, 2006.

MEYER, S. E. *Rosa* L. In: **Woody Plant Seed Manual**. 1974. Disponível em: <<http://www.wpsm.net/Rosa.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2017.

MIKOU, K.; RACHIQ, S.; OULIDI, A. J. Étude ethnobotanique des plantes médicinales et aromatiques utilisées dans la ville de Fès au Maroc. **Phytothérapie**, v. 14, p. 35-43, 2016.

NASCIMENTO, A. A. S. Candomblé e Umbanda: práticas religiosas da identidade negra no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 9, n. 27, p. 923-944, 2010.

NEVES, J. M.; MATOS, C.; MOUTINHO, C.; QUEIROZ, G.; GOMES, R. L. Ethnopharmacological notes about ancient uses of medicinal plants in Trás-os-Montes (northern of Portugal). **Journal Ethnopharmacology**, v. 124, p. 270-283, 2009.

OLIVEIRA, D. R.; KRETTLI, A. U.; AGUIAR, A. C. C.; LEITÃO, G. G.; VIEIRA, M. N.; MARTINS, K. S.; LEITÃO, S. G. Ethnopharmacological evaluation of medicinal plants used against malária by quilombola communities from Oriximiná, Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 173, p. 424-434, 2015.

OLIVEIRA, E. R.; MENINI NETO, L. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte – MG. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 14, n. 2, p. 311-320, 2012.

OMOLUBÁ. **Doutrinas e práticas umbandistas**: caderno de Umbanda. 2. ed. São Paulo: Ícone, 2014. 245 p.

OUMZIL, H.; GHOULAMI, S.; RHAJAOU, M.; ILIDRISSI, A.; FKI-H-TETOUANI, S.; BENJOUAD, A. Antibacterial and antifungal activity of essential oils of *Mentha suaveolens*. **Phytotherapy Research**, v. 16, p. 727-731, 2002.

PIERONI, A. Traditional uses of wild food plants, medicinal plants, and domestic remedies in Albanian, Aromanian and Macedonian villages in South-Eastern Albania. **Journal of Herbal Medicine**, p. 1-10, 2017.

PRANDI, R. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 151-167, 1998.

PREFEITURA DE COCAL DO SUL. **Aspecto geográfico**. 2017. Disponível em: <<http://www.cocaldosul.sc.gov.br/>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

QUIROGA, R.; MENESES, L.; BUSSMANN, R. W. Medicinal ethnobotany in Huacareta (Chuquisaca, Bolivia). **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 8, n. 29, p. 1-14.

RAINHO, D. **Guia do Umbandista**. 2016. Disponível em: <<http://perdido.co/wp-content/uploads/2016/12/GUIA-DO-UMBANDISTA.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2017.

RIBEIRO, D. A.; MACÊDO, D. G.; OLIVEIRA, L. G. S.; SARAIVA, M. E.; OLOVEIRA, S. F.; SOUZA, M. M. A.; MENEZES, I. R. A. Potencial terapêutico e uso de plantas medicinais em uma área de Caatinga no estado do Ceará, nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 16, n. 4, p. 912-930, 2014.

RODRIGUES, E.; CARLINI, E. A. Possíveis efeitos sobre o sistema nervoso central de plantas utilizadas por duas culturas brasileiras (quilombolas e índios). **Arquivos Brasileiros de Fitomedicina Científica**, v. 1, n. 3, p. 147-154, 2003.

SALES, V. A. **Umbanda: preconceito e similaridades**. 2017. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos)-Faculdade Cásper Líbero, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SANTOS FILHO, L. **História geral da medicina brasileira**. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1991. 436 p.

SANTOS, E.; FLASTER, B. Fitoláceas. **Flora Ilustrada Catarinense**. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, p. 27-30, 1967.

SARTÓRIO, M. L.; TRINDADE, C.; RESENDE, P.; MACHADO, J. R. **Cultivo orgânico de plantas medicinais**. Viçosa, MG: Aprenda fácil, 2000. 258 p.

SCHULTES, R. E. Tropical American hallucinogens: where are we and where are we going. **Ciência e Cultura**, v. 25, n. 6, p. 73-107, 1973.

SCHULTES, R. E.; HOFMANN, A. **Plantas de los dioses: orígenes del uso de los alucinógenos**. México: Fondo de Cultura Económica S.A., 1993. 192 p.

SEVERINO, C. A. M. **Dossiê técnico: cultivo de rosas de corte em ambiente protegido no semi-árido**. 2007. Disponível em: <<http://respostatecnica.org.br/dossie-tecnico/downloadsDT/MTUz>>. Acesso em: 29 out. 2017.

SILVA JUNIOR, A. A. **Plantas Mediciniais**. EPAGRI/PROMED, 1997. CD Rom.

SILVA, V. G. **Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira**. São Paulo: Ática, 1994. 149 p.

TEIXIDOR-TONEU, I.; MARTIN, G. J.; OUHAMMOU, A.; PURI, R. K.; HAWKINS, J. A. An ethnomedicinal survey of a Tashelhit-speaking community in the High Atlas, Morocco. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 188, p. 96-110, 2016.

VEIGA JUNIOR, V. F.; PINTO, A. C. Plantas medicinais: cura segura? **Quim. Nova**, v. 28, n. 3, p. 519-528, 2005.

VERGER, P. F. **Ewé**: o uso das plantas na sociedade Iorubá. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2001. 760 p.

VITALINI, S.; PURICELLI, C.; MIKEREZI, I.; IRITI, M. Plants, people and traditions: ethnobotanical survey in the Lombard Stelvio National Park and neighbouring areas (Central Alps, Italy). **Journal of Ethnopharmacology**, v. 173, p. 435-458, 2015.

WHO. World Health Organization. **Guidelines for testing mosquito aduicides for indoor residual spraying and treatment of mosquito nets control of neglected tropical diseases who pesticide evaluation scheme**. Geneva: World Health Organization, 2006.

ZEGGWAGH, A. A.; LAHLOU, Y.; BOUSLIMAN, Y. Enquete sur les aspects toxicologiques de la phytotherapie utilisee par un herboriste à Fes, Maroc. **Pan African Medical Journal**, v. 14, n. 125, p. 1-6, 2013.

APÊNDICE

Apêndice A – Formulário aplicado para levantamento de plantas medicinais utilizadas em rituais afro-brasileiros.

Entrevistador (a) _____ Data: ___/___/___

DADOS PESSOAIS

1. Entrevistado (a): _____
2. Idade: _____ ou Data de Nascimento: ___/___/___
3. Estado civil: () Casado () Solteiro () Divorciado () Viúvo () União estável () Outro
4. Escolaridade: () Nenhuma, analfabeto () Ensino Médio Incompleto () Nenhuma, mas lê e escreve () Ensino Médio Completo () Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Superior Incompleto () Ensino Fundamental Completo () Ensino Superior Completo
5. Naturalidade: _____
6. Local de criação: _____
7. Religião: _____
8. Onde e com quem aprendeu o ofício com plantas medicinais?

9. A quanto tempo realiza esse tipo de atividade?

10. Possui outra atividade, lucrativa ou não?

11. Qual o papel das plantas para curar e para benzer?

12. Onde você consegue as plantas que usa?

13. Quantas pessoas em média você atende por semana? Sempre foi mais ou menos esse número?

14. Você ensina as pessoas a usarem as plantas para curar, benzer, proteger, entre outros? Quais são essas pessoas?

15. Tem alguma forma de retorno ou de troca pelo atendimento que faz?

16. O que você acha de um profissional de saúde entender e indicar o uso de plantas com fins medicinais?

DADOS DAS PLANTAS

17. Nome popular: _____
18. Nome científico: _____
19. Uso místico: _____
20. Parte utilizada: _____
21. Indicação terapêutica: _____
22. Modo de usar: _____
23. Manejo da planta: _____

ANEXO

ANEXO A - TCLE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr.(a) está sendo convidado(a) a para participar da pesquisa intitulada:

Plantas medicinais utilizadas em rituais afro-brasileiros: estudo de caso no município de Cocal do Sul, Santa Catarina, Brasil, que tem como objetivo registrar as plantas medicinais utilizadas em rituais afro-brasileiros em um Centro Umbandista localizado no município de Cocal do Sul, Santa Catarina, Brasil.

Mesmo aceitando participar do estudo, poderá desistir a qualquer momento, bastando para isso informar sua decisão aos responsáveis. Fica esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro, o(a) senhor(a) não terá direito a nenhuma remuneração. Declaramos que todos os riscos e eventuais prejuízos foram devidamente esclarecidos. Os dados referentes à sua pessoa serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela **Resolução nº 466/2012 do CNS - Conselho Nacional de Saúde**, podendo o(a) senhor(a) solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

Procedimentos detalhados que serão utilizados na pesquisa

Primeiramente serão realizados os devidos esclarecimentos aos interlocutores, no que se refere aos objetivos da pesquisa e questionada a intenção e possibilidade de contribuição por meio das entrevistas. Em caso positivo, será realizada a coleta de dados e solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Riscos: Considerando que a participação dos interlocutores é voluntária e se dará a partir do Termo de Consentimento, não há previsão de riscos. Os sujeitos participantes serão protegidos, permanecendo no anonimato e sigilo no que se refere as entrevistas.

Benefícios: Analisar as plantas utilizadas nos rituais afro-brasileiros, conhecimento de grande relevância social, histórica e cultural.

A coleta de dados será realizada pela acadêmica **Maria Eduarda Alves Ferreira** (fone: 48-996261161) e orientado pela professora responsável **Vanilde Citadini Zanette** (fone: 48-999785211).

O telefone do **Comitê de Ética** é **(48) 3431.2723**.

Criciúma (SC) ____ de _____ de 2017.

Participante:
CPF:

Maria Eduarda Alves Ferreira
CPF: 047.774.909-71